

COMO OS EUA DERRUBARAM O GASODUTO NORD STREAM

Por Seymour Hersh*



O vazamento de gás do gasoduto Nord Stream no Mar Báltico fotografado por uma aeronave da Guarda Costeira sueca em 27 de setembro de 2022 (AP).

O New York Times disse que a explosão era um “mistério”, mas de acordo com o premiado jornalista Seymour Hersh, os EUA executaram uma operação naval que foi mantida em segredo – até agora.

O Centro de Mergulho e Salvamento da Marinha dos EUA pode ser encontrado em um local tão obscuro quanto seu nome – no que antes era uma estrada rural na zona rural da Cidade do Panamá, uma cidade turística em expansão no sudoeste da Flórida, cerca de 112 quilômetros ao sul da fronteira do Alabama. O complexo do centro é tão indefinido quanto sua localização – uma estrutura monótona de concreto pós-Segunda Guerra Mundial que tem a aparência de uma escola vocacional do oeste de Chicago. Uma lavanderia operada por moedas e uma escola de dança estão do outro lado do que agora é uma estrada de quatro pistas.

O centro tem treinado mergulhadores de águas profundas altamente qualificados há décadas que, uma vez designados para unidades militares americanas em todo o mundo, são capazes de mergulho técnico para fazer o bem – usando explosivos C4 para limpar portos e praias de detritos e munições não detonadas – bem como o mal, como explodir plataformas de petróleo estrangeiras, sujar válvulas de admissão de usinas submarinas e destruir eclusas em canais de navegação cruciais. O centro da Cidade do Panamá, que possui a segunda maior piscina coberta das Américas, foi o lugar perfeito para recrutar os melhores e mais calados graduados da escola de mergulho que no verão passado fizeram com sucesso o que foram autorizados a fazer 80 metros abaixo da superfície do Mar Báltico.

Em junho passado, os mergulhadores da Marinha americana, operando sob a cobertura de um exercício da OTAN amplamente divulgado no verão conhecido como BALTOPS 22, plantaram os explosivos acionados remotamente que, três meses depois, destruíram três dos quatro gasodutos Nord Stream, de acordo com uma fonte com conhecimento direto do planejamento operacional.

Dois dos gasodutos, conhecidos coletivamente como Nord Stream 1, vinham fornecendo à Alemanha e grande parte da Europa Ocidental gás natural russo barato por mais de uma década. Um segundo par de gasodutos, chamado Nord Stream 2, foi construído, mas ainda não estava operacional. Agora, com as tropas russas se concentrando na fronteira ucraniana e a guerra mais sangrenta na Europa desde 1945 se aproximando, o presidente Joseph Biden viu os gasodutos como um veículo para Vladimir Putin transformar o gás natural em armas para suas ambições políticas e territoriais.

Solicitada a comentar, Adrienne Watson, porta-voz da Casa Branca, disse em um e-mail: “Isso é uma ficção falsa e completa”. Tammy Thorp, porta-voz da Agência Central de Inteligência (CIA), escreveu da mesma forma: “Esta afirmação é completa e totalmente falsa”.

A decisão de Biden de sabotar os gasodutos ocorreu após mais de nove meses de debates altamente secretos dentro da comunidade de segurança nacional de Washington sobre a melhor forma de atingir esse objetivo. Durante grande parte desse tempo, a questão não era cumprir a missão, mas como realizá-la sem deixar nenhuma pista clara de quem foi o responsável.

Havia uma razão burocrática vital para confiar nos graduados da escola de mergulho *hardcore* do centro na Cidade do Panamá. Os mergulhadores eram apenas da Marinha americana, e não membros do Comando de Operações Especiais dos EUA, cujas operações secretas devem ser relatadas ao Congresso e informadas com antecedência à liderança do Senado e da Câmara – a chamada Gang of Eight (“Gangue dos Oito”). A administração Biden estava fazendo todo o possível para evitar vazamentos, pois o planejamento ocorreu no final de 2021 e nos primeiros meses de 2022.

O presidente Biden e sua equipe de política externa – o conselheiro de Segurança Nacional Jake Sullivan, o secretário de Estado Tony Blinken e Victoria Nuland, a subsecretária de Estado para Políticas – foram francos e sem rodeios em sua hostilidade aos dois gasodutos, que funcionavam lado a lado por 1.200 quilômetros sob o Mar Báltico de dois portos diferentes no nordeste da Rússia, perto da fronteira com a Estônia, passando perto da ilha dinamarquesa de Bornholm antes de terminar no norte da Alemanha.

A rota direta, que evitou qualquer necessidade de transitar pela Ucrânia, foi uma benção para a economia alemã, que desfrutou de abundância de gás natural russo barato – o suficiente para operar suas fábricas e aquecer suas casas enquanto permitia que os distribuidores alemães vendessem o excesso de gás a preços acessíveis, com lucro, em toda a Europa Ocidental. Uma ação que pudesse ser rastreada até o governo violaria as promessas dos EUA de minimizar o conflito direto com a Rússia. O sigilo era essencial.

Desde seus primeiros dias, o Nord Stream 1 foi visto por Washington e seus parceiros antirrusos da OTAN como uma ameaça ao domínio ocidental. A *holding* por trás disso, a Nord Stream AG, foi incorporada na Suíça em 2005 em parceria com a Gazprom, uma empresa russa de capital aberto que produz enormes lucros para os acionistas e é dominada por oligarcas conhecidos por serem escravos de Putin. A Gazprom controlava 51% da empresa, com quatro empresas europeias de energia – uma na França, uma na Holanda e duas na Alemanha – compartilhando os 49% restantes das ações e tendo o direito de controlar as vendas *downstream* do gás natural barato para locais distribuidores na Alemanha e na Europa Ocidental. Os lucros da Gazprom eram compartilhados com o governo russo, e as receitas estatais de gás e petróleo foram estimadas em alguns anos em até 45% do orçamento anual da Rússia.

Os temores políticos dos Estados Unidos eram reais: Putin teria agora uma importante fonte de renda adicional e muito necessária, e a Alemanha e o restante da Europa Ocidental se tornariam viciados em gás natural de baixo custo fornecido pela Rússia – enquanto diminuía a dependência europeia dos EUA. Na verdade, foi exatamente isso que aconteceu. Muitos alemães viram o Nord Stream 1 como parte da divulgação da famosa teoria *Ostpolitik* do ex-chanceler Willy Brandt, que permitiria à Alemanha do pós-guerra reabilitar a si mesma e a outras nações europeias destruídas na Segunda Guerra Mundial, entre outras iniciativas, utilizando gás russo barato para abastecer um próspero mercado e economia da Europa Ocidental.

O Nord Stream 1 já era perigoso o suficiente, na opinião da OTAN e de Washington, mas o Nord Stream 2, cuja construção foi concluída em setembro de 2021, se aprovado pelos reguladores alemães, dobraria a quantidade de gás barato disponível para a Alemanha e Europa Ocidental. O segundo gasoduto também forneceria gás suficiente para mais de 50% do consumo anual da Alemanha. As tensões aumentavam constantemente entre a Rússia e a OTAN, apoiadas pela agressiva política externa do governo Biden.

A oposição ao Nord Stream 2 explodiu na véspera da posse de Biden em janeiro de 2021, quando os republicanos do Senado, liderados por Ted Cruz do Texas, levantaram repetidamente a ameaça política do gás natural russo barato durante a audiência de confirmação de Blinken como secretário de Estado. A essa altura, um Senado unificado havia aprovado com sucesso uma lei que, como Cruz disse a Blinken, “interrompeu [o gasoduto] em seu curso”. Haveria uma enorme pressão política e econômica do governo alemão, então chefiado por Angela Merkel, para tornar o segundo gasoduto *online*.

Biden enfrentaria os alemães? Blinken disse que sim, mas acrescentou que não discutiu os detalhes das opiniões do novo presidente. “Eu conheço sua forte convicção de que esta é uma má ideia, o Nord Stream 2”, disse ele. “Eu sei que ele quer que usemos todas as ferramentas persuasivas que temos para convencer nossos amigos e parceiros, incluindo a Alemanha, a não seguir em frente com isso.”

Alguns meses depois, quando a construção do segundo gasoduto estava quase concluída, Biden piscou. Em maio daquele ano, em uma reviravolta impressionante, o governo renunciou às sanções contra a Nord Stream AG, com um funcionário do Departamento de Estado admitindo que tentar interromper o

gasoduto por meio de sanções e diplomacia “sempre foi um tiro no escuro”. Nos bastidores, funcionários do governo teriam instado o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, então enfrentando uma ameaça de invasão russa, a não criticar o movimento.

Houve consequências imediatas. Os republicanos do Senado, liderados por Cruz, anunciaram um bloqueio imediato de todos os indicados de política externa de Biden e atrasaram a aprovação do projeto de lei anual de Defesa por meses, no outono. Mais tarde, o *Político* descreveu a reviravolta de Biden no segundo gasoduto russo como “a única decisão, sem dúvida mais do que a caótica retirada militar do Afeganistão, que colocou em perigo a agenda de Biden”.

O governo estava se debatendo, apesar de ter conseguido um alívio na crise em meados de novembro, quando os reguladores de energia da Alemanha suspenderam a aprovação do segundo gasoduto Nord Stream. Os preços do gás natural subiram 8% em poucos dias, em meio a temores crescentes na Alemanha e na Europa de que a suspensão do gasoduto e a crescente possibilidade de uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia levariam a um inverno frio muito indesejado. Não estava claro para Washington exatamente onde estava Olaf Scholz, o recém-nomeado chanceler da Alemanha. Meses antes, depois da queda do Afeganistão, Scholz havia endossado publicamente o apelo do presidente francês Emmanuel Macron por uma política externa europeia mais autônoma em um discurso em Praga – sugerindo claramente menos confiança em Washington e suas ações imprevisíveis.

Ao longo de tudo isso, as tropas russas foram se acumulando de forma constante e ameaçadora nas fronteiras da Ucrânia e, no final de dezembro, mais de 100.000 soldados estavam em posição de atacar da Bielorrússia e da Crimeia. O alarme estava crescendo em Washington, incluindo uma avaliação de Blinken de que o número de tropas poderia “dobrar em pouco tempo”.

A atenção da administração dos EUA mais uma vez se concentrou no Nord Stream. Enquanto a Europa permanecesse dependente dos gasodutos de gás natural barato, Washington temia que países como a Alemanha relutassem em fornecer à Ucrânia o dinheiro e as armas necessárias para derrotar a Rússia.

Foi nesse momento instável que Biden autorizou Jake Sullivan a reunir um grupo interagências para elaborar um plano.

Todas as opções deveriam estar sobre a mesa. Mas apenas uma iria emergir.

PLANEJAMENTO

Em dezembro de 2021, dois meses antes de os primeiros tanques russos entrarem na Ucrânia, Jake Sullivan convocou uma reunião de uma força-tarefa recém-formada – homens e mulheres do Estado-Maior Conjunto, da CIA e dos departamentos de Estado e do Tesouro – e pediu recomendações sobre como responder à iminente invasão de Putin.

Seria a primeira de uma série de reuniões ultrassecretas em uma sala segura no último andar do Old Executive Office Building (“Antigo Edifício de Escritórios

Executivos”), adjacente à Casa Branca, que também abrigava o Conselho Consultivo de Inteligência Estrangeira do Presidente (PFIAB, *President’s Foreign Intelligence Advisory Board*). Houve o habitual bate-papo que acabou levando a uma questão preliminar crucial: a recomendação encaminhada pelo grupo ao presidente seria reversível – como outra camada de sanções e restrições monetárias – ou irreversível – isto é, ações cinéticas, que não poderiam ser desfeitas?

O que ficou claro para os participantes, de acordo com a fonte com conhecimento direto do processo, é que Sullivan pretendia que o grupo apresentasse um plano para a destruição dos dois gasodutos Nord Stream – e que ele estava cumprindo os desejos do presidente.



OS MENTORES: Da esquerda para a direita, Victoria Nuland, Antony Blinken e Jake Sullivan.

Nas várias reuniões seguintes, os participantes debateram opções para um ataque. A Marinha propôs o uso de um submarino recém-comissionado para atacar diretamente o gasoduto. A Força Aérea discutiu o lançamento de bombas com fusíveis retardados que poderiam ser ativados remotamente. A CIA argumentou que o que quer que fosse feito, teria que ser secreto. Todos os envolvidos entenderam o que estava em jogo. “Isso não é coisa de criança”, disse a fonte. Se o ataque fosse rastreável até os Estados Unidos, “é um ato de guerra”.

Na época, a CIA era dirigida por William Burns, um comedido ex-embaixador na Rússia que havia servido como vice-secretário de Estado no governo Obama. Burns rapidamente autorizou um grupo de trabalho da Agência cujos membros *ad hoc* incluíam – por acaso – alguém que estava familiarizado com as capacidades dos mergulhadores de águas profundas da Marinha na Cidade do Panamá. Nas semanas seguintes, membros do grupo de trabalho da CIA começaram a elaborar um plano para uma operação secreta que usaria mergulhadores de águas profundas para desencadear uma explosão ao longo do gasoduto.

Algo assim já havia sido feito antes. Em 1971, a comunidade de inteligência americana soube de fontes ainda não reveladas que duas importantes unidades da Marinha russa estavam se comunicando por meio de um cabo submarino enterrado no mar de Okhotsk, na costa leste da Rússia. O cabo ligava um comando regional da Marinha ao quartel-general continental em Vladivostok.

Uma equipe escolhida a dedo de agentes da CIA e da Agência de Segurança Nacional (NSA, *National Security Agency*) foi reunida em algum lugar na área de Washington, sob forte cobertura, e elaborou um plano, usando mergulhadores da Marinha, submarinos modificados e um veículo de resgate submarino profundo, que teve sucesso, após muita tentativa e erro, na localização do cabo russo. Os

mergulhadores plantaram um sofisticado dispositivo de escuta no cabo que interceptou com sucesso o tráfego russo e o registrou em um sistema de gravação.

A NSA descobriu que oficiais superiores da Marinha russa, convencidos da segurança de seu *link* de comunicação, conversaram com seus pares sem criptografia. O dispositivo de gravação e sua fita tinham que ser substituídos mensalmente e o projeto continuou alegremente por uma década, até que foi comprometido por um técnico civil da NSA de 44 anos de idade chamado Ronald Pelton, que era fluente em russo. Pelton foi traído por um desertor russo em 1985 e condenado à prisão. Ele recebeu apenas US\$ 5.000 dos russos por suas revelações sobre a operação, junto com US\$ 35.000 por outros dados operacionais russos que ele forneceu e que nunca foram tornados públicos.

Esse sucesso subaquático, codinome Ivy Bells, foi inovador e arriscado, e produziu inteligência inestimável sobre as intenções e planejamento da Marinha russa.

Ainda assim, o grupo interagências estava inicialmente cético em relação ao entusiasmo da CIA por um ataque secreto em alto mar. Havia muitas perguntas sem resposta. As águas do Mar Báltico eram fortemente patrulhadas pela Marinha russa e não havia plataformas de petróleo que pudessem ser usadas como cobertura para uma operação de mergulho. Os mergulhadores teriam que ir para a Estônia, do outro lado da fronteira das docas de carregamento de gás natural da Rússia, para treinar para a missão? “Seria um fiasco”, disseram à Agência.

Durante “todo esse esquema”, disse a fonte, “alguns funcionários da CIA e do Departamento de Estado diziam: ‘Não faça isso. É estúpido e será um pesadelo político se for divulgado’”.

No entanto, no início de 2022, o grupo de trabalho da CIA relatou ao grupo interagências de Sullivan: “Temos uma forma de explodir os gasodutos.”

O que veio a seguir foi impressionante. Em 7 de fevereiro, menos de três semanas antes da aparentemente inevitável invasão russa da Ucrânia, Biden se reuniu em seu escritório na Casa Branca com o chanceler alemão Olaf Scholz, que, depois de algumas oscilações, agora estava firmemente no time americano. Na coletiva de imprensa que se seguiu, Biden disse desafiadoramente: “Se a Rússia invadir ... não haverá mais um Nord Stream 2. Vamos acabar com isso.”

Vinte dias antes, a subsecretária Nuland entregara essencialmente a mesma mensagem em uma reunião do Departamento de Estado, com pouca cobertura da imprensa. “Quero ser muito claro para você hoje”, disse ela em resposta a uma pergunta. “Se a Rússia invadir a Ucrânia, de uma forma ou de outra o Nord Stream 2 não avançará.”

VÍDEO - [Biden: “Se a Rússia invadir ... não haverá mais um Nord Stream 2. Vamos acabar com isso.”](#)

Vários dos envolvidos no planejamento da missão do gasoduto ficaram consternados com o que consideraram referências indiretas ao ataque.

“Foi como colocar uma bomba atômica no solo de Tóquio e dizer aos japoneses que vamos detoná-la”, disse a fonte. “O plano era que as opções fossem executadas após a invasão e não anunciadas publicamente. Biden simplesmente não entendeu ou ignorou.”

A indiscrição de Biden e Nuland, se é isso que foi isso, pode ter frustrado alguns dos planejadores. Mas também criou uma oportunidade. Segundo a fonte, alguns dos altos funcionários da CIA determinaram que explodir o gasoduto “não poderia mais ser considerado uma opção secreta porque o presidente acaba de anunciar que sabíamos como fazê-lo”.

O plano para explodir Nord Stream 1 e 2 foi repentinamente rebaixado de uma operação secreta que exigia que o Congresso fosse informado para uma que foi considerada uma operação de inteligência altamente classificada com apoio militar dos EUA. De acordo com a lei, a fonte explicou: “Não havia mais uma exigência legal de relatar a operação ao Congresso. Tudo o que eles tinham que fazer agora era apenas executá-la – mas ainda assim tinha que ser secreta. Os russos têm uma vigilância superlativa do Mar Báltico.”

Os membros do grupo de trabalho da Agência não tinham contato direto com a Casa Branca e estavam ansiosos para descobrir se o presidente estava falando sério – ou seja, se a missão estava em andamento. A fonte lembrou: “Bill Burns volta e diz: ‘Executem’”.



FIGURA 2: “A marinha norueguesa foi rápida em encontrar o local certo, nas águas rasas a alguns quilômetros da ilha de Bornholm, na Dinamarca...”

A OPERAÇÃO

A Noruega era o lugar perfeito para basear a missão.

Nos últimos anos da crise Leste-Oeste, os militares dos EUA expandiram enormemente sua presença dentro da Noruega, cuja fronteira ocidental se estende por 2.250 quilômetros ao longo do norte do Oceano Atlântico e se funde acima do Círculo Polar Ártico com a Rússia. O Pentágono criou empregos e contratos com

altos salários, em meio a alguma controvérsia local, investindo centenas de milhões de dólares para atualizar e expandir as instalações da Marinha e da Força Aérea americana na Noruega. Os novos trabalhos incluíam, o mais importante, um radar avançado de abertura sintética bem ao norte que era capaz de penetrar profundamente na Rússia e ficou *online* no momento em que a comunidade de inteligência americana perdia o acesso a uma série de locais de escuta de longo alcance dentro da China.

Uma base submarina americana recém-reformada, que estava em obras há anos, tornou-se operacional e mais submarinos americanos agora podiam trabalhar em estreita colaboração com seus colegas noruegueses para monitorar e espionar um importante reduto nuclear russo 400 quilômetros a leste, no Península de Kola. Os EUA também expandiram amplamente uma base aérea norueguesa no Norte e entregaram à força aérea norueguesa uma frota de aviões de patrulha P-8 Poseidon construídos pela Boeing para reforçar sua espionagem de longo alcance em tudo sobre a Rússia.

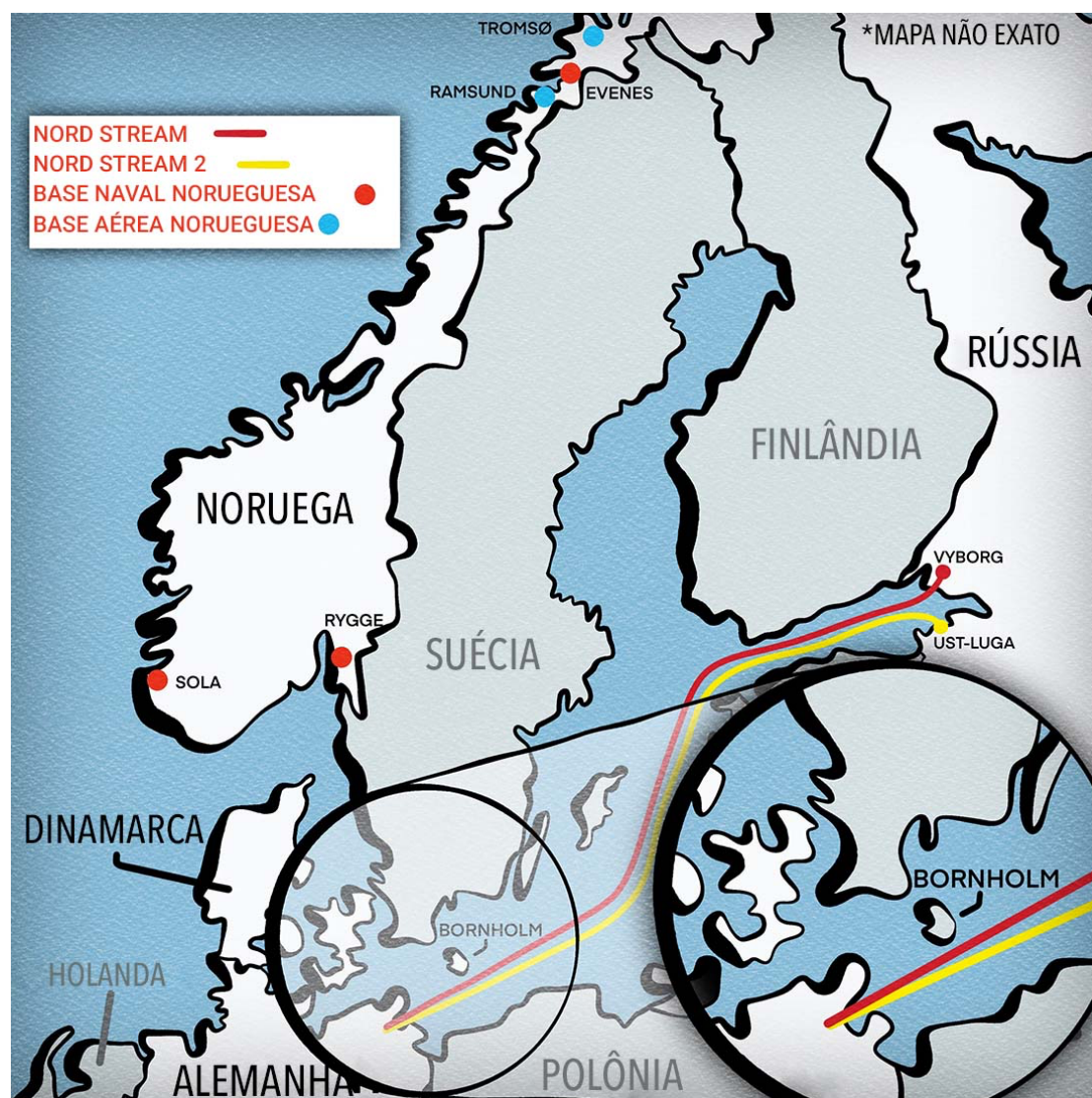
Em troca, o governo norueguês irritou os liberais e alguns moderados em seu parlamento em novembro passado ao aprovar o Acordo Suplementar de Cooperação em Defesa (SDCA, *Supplementary Defense Cooperation Agreement*). Sob o novo acordo, o sistema legal dos EUA teria jurisdição em certas “áreas acordadas” no Norte sobre os soldados americanos acusados de crimes fora da base, bem como sobre os cidadãos noruegueses acusados ou suspeitos de interferir no trabalho na base.

A Noruega foi um dos signatários originais do Tratado da OTAN em 1949, nos primeiros dias da Guerra Fria. Hoje, o comandante supremo da OTAN é Jens Stoltenberg, um anticomunista convicto, que serviu como primeiro-ministro da Noruega por oito anos antes de assumir o alto posto da OTAN, com apoio americano, em 2014. Ele era linha-dura em tudo relacionado a Putin e à Rússia, e cooperava com a comunidade de inteligência americana desde a Guerra do Vietnã. Ele tem sido totalmente confiável desde então. “Ele é a luva que cabe na mão americana”, disse a fonte.

De volta a Washington, os planejadores sabiam que tinham que ir para a Noruega. “Eles odiavam os russos, e a Marinha norueguesa estava cheia de excelentes marinheiros e mergulhadores que tinham gerações de experiência na exploração altamente lucrativa de petróleo e gás em alto mar”, disse a fonte. Eles também poderiam ser confiáveis para manter a missão em segredo (os noruegueses também podem ter tido outros interesses. A destruição do Nord Stream – se os americanos conseguissem – permitiria à Noruega vender muito mais de seu próprio gás natural para a Europa).

Em algum momento de março, alguns membros da equipe voaram para a Noruega para se encontrar com o Serviço Secreto e a Marinha noruegueses. Uma das questões-chave era onde exatamente no Mar Báltico era o melhor lugar para plantar os explosivos. O Nord Stream 1 e 2, cada um com dois conjuntos de gasodutos, eram separados por pouco mais de um quilômetro enquanto seguiam para o porto de Greifswald, no extremo nordeste da Alemanha.

A Marinha norueguesa foi rápida em encontrar o local certo, nas águas rasas do Mar Báltico, a poucos quilômetros da ilha dinamarquesa de Bornholm. Os gasodutos se estendiam por mais de um quilômetro e meio ao longo de um leito oceânico de apenas 80 metros de profundidade. Isso estaria bem dentro do alcance dos mergulhadores, que, operando a partir de um caça-minas norueguês da classe Alta, mergulhariam com uma mistura de oxigênio, nitrogênio e hélio nos tanques e colocariam cargas C-4 em forma de plantas nos quatro dutos com capas protetoras de concreto. Seria um trabalho tedioso, demorado e perigoso, mas as águas de Bornholm tinham outra vantagem: não havia grandes correntes de maré, que tornariam a tarefa de mergulhar muito mais difícil.



Depois de analisar um pouco, os americanos estavam todos de acordo.

Nesse ponto, o obscuro grupo de mergulho profundo da Marinha da Cidade do Panamá mais uma vez entrou em ação. As escolas de alto mar na Cidade do Panamá, cujos estagiários participaram da Ivy Bells, são vistas como algo indesejado pelos graduados de elite da Academia Naval de Annapolis, que normalmente buscam a glória de serem designados como Seals, pilotos de caça ou submarinistas. Se alguém deve se tornar um “Black Shoe” (“sapato preto”) – isto é, um membro do menos desejável comando de navios de superfície – sempre há

pelo menos o serviço em um contratorpedeiro, cruzador ou navio anfíbio. O menos glamoroso de todos é a guerra de minas. Seus mergulhadores nunca aparecem em filmes de Hollywood ou na capa de revistas populares.

“Os melhores mergulhadores com qualificações de mergulho profundo são uma comunidade restrita, e apenas os melhores são recrutados para a operação e instruídos a se preparar para serem convocados pela CIA em Washington”, disse a fonte.

Os noruegueses e americanos tinham a localização e os agentes, mas havia outra preocupação: qualquer atividade subaquática incomum nas águas de Bornholm poderia chamar a atenção das Marinhas sueca ou dinamarquesa, que poderiam denunciá-la.

A Dinamarca também foi um dos signatários originais da OTAN e era conhecida na comunidade de inteligência por seus laços especiais com o Reino Unido. A Suécia se candidatou à adesão à OTAN e demonstrou sua grande habilidade no gerenciamento de seus sistemas de sensores magnéticos e sonoros subaquáticos que rastreavam com sucesso submarinos russos que ocasionalmente apareciam em águas remotas do arquipélago sueco e eram forçados a subir à superfície.

Os noruegueses juntaram-se aos americanos ao insistir que alguns altos funcionários da Dinamarca e da Suécia deveriam ser informados em termos gerais sobre a possível atividade de mergulho na área. Dessa forma, alguém superior poderia intervir e manter um relatório fora da cadeia de comando, isolando assim a operação do gasoduto. “O que eles ouviram e o que eles sabiam era propositalmente diferente”, disse a fonte (a embaixada norueguesa, solicitada a comentar esta história, não respondeu).

Os noruegueses foram fundamentais para resolver outros obstáculos. A Marinha russa era conhecida por possuir tecnologia de vigilância capaz de detectar e acionar minas subaquáticas. Os artefatos explosivos americanos precisavam ser camuflados de forma a fazê-los parecer ao sistema russo como parte do cenário natural – algo que exigia adaptação à salinidade específica da água. Os noruegueses tinham uma solução.

Os noruegueses também tinham uma solução para a questão crucial de quando a operação deveria ocorrer. Todo mês de junho, nos últimos 21 anos, a Sexta Frota americana, cuja nau capitânia está baseada em Gaeta, na Itália, ao sul de Roma, patrocinava um grande exercício da OTAN no Mar Báltico envolvendo dezenas de navios aliados em toda a região. O exercício atual, realizado em junho, seria conhecido como Baltic Operations 22, ou BALTOPS 22. Os noruegueses propuseram que essa seria a cobertura ideal para plantar as minas.

Os americanos forneceram um elemento vital: convenceram os planejadores da Sexta Frota a acrescentar um exercício de pesquisa e desenvolvimento ao programa. O exercício, divulgado pela Marinha, envolveu a Sexta Frota em colaboração com os “centros de pesquisa e guerra” da Marinha. O evento no mar seria realizado na costa da ilha de Bornholm e envolveria equipes de mergulhadores da OTAN plantando minas, com equipes concorrentes usando a mais recente tecnologia subaquática para encontrá-las e destruí-las.

Foi um exercício útil e uma cobertura engenhosa. Os meninos da Cidade do Panamá faziam seu trabalho e os explosivos C-4 estariam no local no final do BALTOPS 22, com um cronômetro de 48 horas acoplado. Todos os americanos e noruegueses já teriam ido embora quando ocorresse a primeira explosão.

Os dias estavam em contagem regressiva. “O tempo estava passando e estávamos quase cumprindo a missão”, disse a fonte.

E então: Washington teve dúvidas. As bombas ainda seriam plantadas durante o BALTOPS, mas a Casa Branca temia que uma janela de dois dias para sua detonação fosse muito próxima do final do exercício e seria óbvio que os Estados Unidos estavam envolvidos.

Em vez disso, a Casa Branca fez um novo pedido: “Os caras em campo podem descobrir uma maneira de explodir os gasodutos mais tarde quando comandado?”

Alguns membros da equipe de planejamento ficaram irritados e frustrados com a aparente indecisão do presidente. Os mergulhadores da Cidade do Panamá haviam praticado repetidamente o plantio do C-4 em gasodutos, como faziam durante o BALTOPS, mas agora a equipe na Noruega precisava encontrar uma maneira de dar a Biden o que ele queria – a capacidade de emitir uma ordem de execução bem-sucedida em um momento à sua escolha.

Ser encarregado de uma mudança arbitrária de última hora era algo que a CIA estava acostumada a administrar. Mas também renovou as preocupações que alguns compartilhavam sobre a necessidade e a legalidade de toda a operação.

As ordens secretas do presidente também evocaram o dilema da CIA nos dias da Guerra do Vietnã, quando o presidente Johnson, confrontado com o crescente sentimento antiguerra do Vietnã, ordenou que a Agência violasse seu estatuto – que especificamente a proibia de operar dentro dos Estados Unidos – espionando líderes antiguerra para determinar se eles estavam sendo controlados pela Rússia comunista.

A Agência acabou concordando e, ao longo da década de 1970, ficou claro até onde ela estava disposta a ir. Houve revelações subsequentes em jornais após os escândalos de Watergate sobre a espionagem da Agência a cidadãos americanos, seu envolvimento no assassinato de líderes estrangeiros e seu enfraquecimento do governo socialista de Salvador Allende.

Essas revelações levaram a uma dramática série de audiências no Senado em meados da década de 1970, lideradas por Frank Church, de Idaho, que deixou claro que Richard Helms, o diretor da Agência na época, aceitou que tinha a obrigação de fazer o que o presidente queria, mesmo que isso significasse violar a lei.

Em depoimento inédito e a portas fechadas, Helms explicou com pesar que “você quase tem uma Imaculada Conceição quando faz alguma coisa” sob ordens secretas de um presidente. “Seja certo ou errado que você deve fazê-lo, [a CIA] trabalha sob regras e regras básicas diferentes de qualquer outra parte do governo.” Ele estava basicamente dizendo aos senadores que ele, como chefe da CIA, entendia que estava trabalhando para a Coroa, e não para a Constituição.

Os americanos que trabalhavam na Noruega operaram sob a mesma dinâmica e obedientemente começaram a trabalhar no novo problema – como detonar remotamente os explosivos C-4 por ordem de Biden. Era uma tarefa muito mais exigente do que aqueles em Washington entendiam. Não havia como a equipe da Noruega saber quando o presidente poderia apertar o botão. Seria em algumas semanas, em muitos meses ou em meio ano ou mais?

O C-4 ligado aos gasodutos seria acionado por uma boia de sonar lançada por um avião em última hora, mas o procedimento envolvia a mais avançada tecnologia de processamento de sinais. Uma vez instalado, os dispositivos de cronometragem retardada conectados a qualquer dos quatro gasodutos podiam ser acionados acidentalmente pela complexa mistura de ruídos de fundo do oceano em todo o Mar Báltico, que tem tráfego intenso – de navios próximos e distantes, de perfuração subaquática, eventos sísmicos, ondas e até criaturas marinhas. Para evitar isso, a boia de sonar, uma vez instalada, emitiria uma sequência de tons únicos de baixa frequência – muito parecidos com os emitidos por uma flauta ou um piano – que seriam reconhecidos pelo dispositivo de cronometragem e, após um tempo de atraso pré-definido, acionaria os explosivos (“você quer um sinal robusto o suficiente para que nenhum outro sinal possa enviar acidentalmente um pulso que detone os explosivos”, disse-me o Dr. Theodore Postol, professor emérito de ciência, tecnologia e política de segurança nacional do MIT. Postol, que atuou como consultor científico do Chefe de Operações Navais do Pentágono, disse que o problema enfrentado pelo grupo na Noruega por causa do atraso de Biden era uma questão de acaso: “Quanto mais tempo os explosivos estiverem na água, maior o risco de um sinal aleatório explodir as bombas”).

Em 26 de setembro de 2022, um avião de vigilância P-8 da Marinha norueguesa fez um voo aparentemente rotineiro e lançou uma boia de sonar. O sinal se espalhou debaixo d'água, inicialmente para o Nord Stream 2 e depois para o Nord Stream 1. Algumas horas depois, os explosivos C-4 de alta potência foram acionados e três dos quatro gasodutos foram desativados. Em poucos minutos, poças de gás metano que permaneceram nos dutos fechados puderam ser vistas se espalhando na superfície da água e o mundo soube que algo irreversível havia acontecido.

EFEITOS COLATERAIS

Imediatamente após o bombardeio do gasoduto, a mídia americana o tratou como um mistério não resolvido. A Rússia foi repetidamente citada como provável culpada, estimulada por vazamentos calculados da Casa Branca – mas sem nunca estabelecer um motivo claro para tal ato de autossabotagem, além de uma simples retribuição. Alguns meses depois, quando se soube que as autoridades russas vinham discretamente obtendo estimativas para o custo do reparo dos gasodutos, o *New York Times* descreveu a notícia como “complicando as teorias sobre quem estava por trás” do ataque. Nenhum grande jornal americano investigou as ameaças anteriores aos gasodutos feitas por Biden e a subsecretária de Estado Nuland.

Embora nunca tenha ficado claro por quê a Rússia tentaria destruir seu próprio gasoduto lucrativo, uma justificativa mais reveladora para a ação do presidente veio do secretário de Estado Blinken.

Questionado em uma coletiva de imprensa em setembro passado sobre as consequências do agravamento da crise energética na Europa Ocidental, Blinken descreveu o momento como potencialmente bom:

“É uma tremenda oportunidade de remover de uma vez por todas a dependência da energia russa e, assim, tirar de Vladimir Putin a armamentização da energia como meio de avançar em seus desígnios imperiais. Isso é muito significativo e oferece uma tremenda oportunidade estratégica para os próximos anos, mas enquanto isso estamos determinados a fazer todo o possível para garantir que as consequências de tudo isso não sejam suportadas pelos cidadãos de nossos países ou, aliás, ao redor do mundo.”

Mais recentemente, Victoria Nuland expressou satisfação com o fim do mais novo dos gasodutos. Testemunhando em uma audiência do Comitê de Relações Exteriores do Senado no final de janeiro, ela disse ao senador Ted Cruz: “Como você, eu estou, e acho que o governo está muito satisfeito em saber que o Nord Stream 2 é agora, como você gosta de dizer, um pedaço de metal no fundo do mar.”

A fonte tinha uma visão muito mais inteligente da decisão de Biden de sabotar mais de 2.400 quilômetros do gasoduto da Gazprom com a aproximação do inverno. “Bem”, disse ele, falando do presidente, “tenho que admitir que o cara tem colhões. Ele disse que ia fazer isso e fez”.

Questionado sobre porque achava que os russos não responderam, ele disse cinicamente: “Talvez eles queiram a capacidade de fazer a mesma coisa que os EUA fizeram.”

“Era uma bela reportagem de capa”, continuou ele. “Por trás disso havia uma operação secreta que colocava especialistas em campo e equipamentos que operavam com um sinal secreto.

“A única falha foi a decisão de fazê-lo.”

Publicado no Substack de [Seymour Hersh](#).

****Seymour M. Hersh** se consolidou como jornalista investigativo em 1970, quando recebeu o Prêmio Pulitzer (como freelancer) por sua denúncia do massacre no vilarejo vietnamita de Mỹ Lai. Desde então, recebeu o prêmio George Polk cinco vezes, o National Magazine Award for Public Interest duas vezes, o Los Angeles Times Book Prize, o National Book Critics Circle Award, o George Orwell Award e dezenas de outros prêmios. Ele foi redator do The New York Times e da revista The New Yorker. Hersh vive em Washington.*
